

100 ANOS DA FACULDADE DE SÃO BENTO

DOM JOSÉ PALMEIRO MENDES*

Resumo: Estamos celebrando 100 anos da fundação da Casa de Estudos da Congregação Beneditina do Brasil, depois Escola Teológica, depois ainda Instituto de Filosofia e Teologia e hoje Faculdade de São Bento do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro. É uma data que merece ser lembrada, recordando-se um pouco de sua movimentada história. Infelizmente tem alguns pontos obscuros, faltando a indispensável documentação.

A formação dos monges até o início do século XX

Falando-se sobre a formação filosófica e teológica dos monges, surge, naturalmente, a pergunta: mas como era antes a formação dos monges do Mosteiro do Rio, fundado em 1590, e demais mosteiros do Brasil?

Um curso regular de Filosofia foi aberto no Mosteiro da Bahia entre 1648 e 1649, a cargo de Frei Manoel do Rosário Buarcos (uma tela o representando está no Mosteiro de Olinda). De um Curso de Teologia só se tem notícia pelos anos 1670. Já no Mosteiro do Rio temos um Curso de Filosofia em 1666 e o de Teologia pelo menos em 1680. Tais cursos eram ministrados nos chamados Colégios. De fato, nosso Mosteiro serviu de casa de estudos da Província Beneditina do Brasil da Congregação Beneditina de Portugal. No século XVIII um curso de filosofia durava três anos e tinha um só professor. O curso de teologia era de quatro anos e contava com mais professores. Citemos de passagem os nomes de cinco grandes mestres no Mosteiro do Rio: Frei Mateus da Encarnação Pinna; Frei José da Natividade Sofia da Mota Manso († Lisboa em 1812, quando era Procurador da Província Brasileira junto à Corte portuguesa); Frei Gaspar Madre de Deus; Frei Antônio de São



Frei Manoel do Rosário Buarcos

* Dom José Palmeiro Mendes é mestre em Sagrada Liturgia pelo Pontifício Ateneu Santo Anselmo e vice-diretor da Faculdade São Bento do Rio de Janeiro.

Bernardo; enfim, Frei José da Natividade Correa de Souza (morreu na Bahia e então é considerado monge daquele Mosteiro, mas dele temos um retrato na frente da Capela das Relíquias). O Colégio do Rio de Janeiro vai funcionar até 1848, encerrando com a dificuldade de monges professores e de alunos (noviços só podiam ser admitidos com a autorização do governo – e em 1855 ocorreu o fechamento definitivo dos noviciados de todas as Ordens religiosas no país) (para mais detalhes, cf. Dom Mateus Ramalho Rocha, *Padres Mestres e Padres Pregadores: apontamentos histórico-descritivos sobre os estudos superiores no Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro de 1590 a 1890*, Coletânea, 1990, tomo I, pp. 12-54; separata reeditada por Edições Lumen Christi 2022).

Os noviciados dos Mosteiros beneditinos vão ser reabertos só com a restauração da vida monástica, com o auxílio da Congregação de Beuron, no final do sec. XIX -início do sec. XX. Nos primeiros anos a formação filosófica e teológica era informal, dada por alguns monges no Mosteiro, sendo também alguns Irmãos mandados a estudar na Abadia de Santo André, na Bélgica (cf. *Crônicas do Mosteiro de 1909, 1910 e 1911*, in Dom Mauro Maia Frago, *A restauração beneditina no coração da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro*, pro manuscrito, 2021, pp. 38-39).



*Frei Mateus da
Encarnação Pinna*



*Frei Antônio de
São Bernardo*



*Frei Gaspar
da Madre de Deus*



*Frei José da Natividade
Correa de Souza*

Casa de estudos em Sorocaba

A Congregação Brasileira só terá uma Casa de estudos em 1911, ano seguinte ao Capítulo Geral, realizado em Roma, que aprovou as novas Constituições da Congregação. Por proposta do Abade do Mosteiro de São Bento de São Paulo, localizava-se no Priorado de Sorocaba, e estava confiada aos jesuítas, ao que parece alemães, que estavam em Portugal e que de lá foram expulsos com a proclamação da República. Tal casa funcionou por dez anos, até 1921. Poucas informações se tem sobre ela, sendo, por exemplo, ignorada por Dom Joaquim Grangeiro de Luna em sua obra *Os monges beneditinos no Brasil – esboço histórico* (Rio de Janeiro, 1947).

No Alto da Boa Vista

A questão do estudo dos monges foi tratada no Capítulo Geral da Congregação Beneditina do Brasil, realizado no final do mês de outubro de 1920, no Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro. Inicialmente foi presidido por Dom Lourenço Zeller, Administrador Apostólico da Congregação. Dele participaram Dom Pedro Roeser, Abade de Olinda, Dom Miguel Kruse, Abade de São Paulo, Dom Ruperto Rudolf, Abade da Bahia, Dom Pedro Eggerath, Abade do Rio de Janeiro, Dom Majolo de Caigny, Abade titular e Prior Conventual de Trindade Tobago, e ainda como representante das comunidades, Dom Agostinho Schimdt, da Bahia, Dom Meinrado Mattmann, do Ceará (será depois monge do Rio de Janeiro), Dom Ildefonso Deigndesch, do Rio de Janeiro (foi eleito secretário do Capítulo), Dom Bernardo Ott, de Olinda. Dom Dionísio Verdin que deveria representar a comunidade de São Paulo, no fim não compareceu. No início dos trabalhos o Capítulo elegeu o novo Arquiabade da Congregação, Dom José de Santa Escolástica Faria o qual passou a dirigir as sessões. No dia 30 de outubro falou-se dos estudos filosóficos e teológicos dos monges. Achou-se que não era bom serem eles orientados por jesuítas; deveriam ser os professores beneditinos, trazendo da Europa os professores. Onde deveria ser a casa de estudos? Foram aventadas o Mosteiro da Bahia, o Mosteiro do Rio de Janeiro ou sua casa dependente, o Mosteiro do Alto da Boa Vista. Dom Abade Pedro Eggerath propôs o Alto da Boa Vista,



Dom Pedro Eggerath



Dom José de Santa
Escolástica Faria

onde residia Dom José de Santa Escolástica Faria, que seria o superior da casa. Fonte dessas informações são as Atas do Capítulo Geral, conservadas no Arquivo do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro.

Assim foi criada a Casa de Estudos da Congregação, dependendo diretamente do Arquiabade Dom José (cf. Dom Joaquim Grangeiro de Luna, *op.cit.*, pp. 53-54; ao que parece, ele se engana ao dizer que a Casa funcionou em 1920). Funcionou, sim, em 1921

no Rio de Janeiro, de início no prédio do próprio Mosteiro, mas logo (ou só em 1922?) no Mosteiro do Alto da Boa Vista, Dom José ali faleceu em 1923. Até 1938 continuou no Alto da Boa Vista. O Capítulo Geral de 1929, porém, determinou que o curso de filosofia fosse ministrado nos próprios mosteiros. Em 1930 Dom Crisóstomo de Saegher, Abade Administrador do Rio de Janeiro, assumiu a direção da Casa de Estudos. Naquele ano eram 20 os alunos do curso teológico (dez do Rio, sete de São Paulo, dois da Bahia, um de Olinda). Em 1932 Dom Abade Lourenço Zeller, Visitador Apostólico da Congregação, após a visita canônica da Casa, através da Carta de visitação deu ao Superior o título de Reitor, que já vinha sendo empregado desde 1930 por Dom Abade Crisóstomo.

Dom Abade Zeller tinha mandado dois monges do seu Mosteiro de Seckau, para aqui dirigir os estudos: Dom Agostinho Egger, doutor em filosofia, teologia e direito canônico (chegou em 1920, foi o reitor da Casa de Estudos, transferiu sua estabilidade para cá em 1933, sendo depois subprior do Mosteiro e enfim prior de Campos, falecendo em 1953) e Dom Suitberto Birkle, doutor em Teologia, professor em Santo Anselmo, de onde foi, por algum tempo, Reitor (chegou em 1921, mas ficou pouco tempo, pois retornou a Alemanha em 1925 e foi logo eleito abade de seu Mosteiro, falecendo no ano seguinte, com apenas 50 anos). Outro monge estrangeiro que aqui lecionou filosofia, teologia e latim, foi Dom Ildefonso Degendesch, alemão, mas monge de Santo André na Bélgica, o qual estudou em Santo Anselmo e Dom Gerardo trouxe para o Brasil (dirigiu o curso de filosofia no Mosteiro, foi superior da Casa de Estudos no Alto da Boa Vista, mas também prior e vice-prior do Mosteiro, prefeito dos clérigos, prior da Missão do Rio Branco, morreu atropelado por um carro na Praia do Botafogo, em 1950). Em 1930 chegou da Alemanha Dom Martinho Michler, monge de Neresheim, que tanta importância teve, inclusive no plano vocacional. Veio para lecionar teologia dogmática, mas sua grande influência foi na área da liturgia. Foi professor até 1940, quando passou a

mestre de noviços. Outro monge de Neresheim que aqui esteve para lecionar foi Dom Sebastião Kaufmann, que ficará, porém, poucos anos, retornando a seu Mosteiro.

Por decreto do Capítulo Geral de 1936, a Cela São Gerardo deveria deixar de ser a Casa de Estudos da Congregação e no ano seguinte deveria apenas abrigar o Curso de Filosofia do Mosteiro. Mas de fato, em 1937 e 1938 continuou também ali a Teologia, não se encontrando um novo local para a Casa de Estudos. Em 1938 o Reitor foi Dom Martinho Michler, sendo dez os alunos, só um do Rio. As disciplinas ministradas eram Teologia Dogmática, Teologia Moral, Introdução aos Livros do Antigo e do Novo Testamento, Liturgia e só dois os professores, D. Martinho e D. Sebastião Kaufmann. Seis eram os alunos da Filosofia, os quais estudavam Metafísica, História da Filosofia, História da Igreja, Doutrina Social Católica, Hebraico.



Dom Martinho Michler

Dois monges (Dom Alberto Gonçalves e Dom Hilário Leite Macedo) foram enviados para estudar teologia em Beuron e outro (Dom Ruperto Griesbach) foi enviado ao Colégio de Santo Anselmo, em Roma); em outubro de 1937 viajou também para Roma, a fim de cursar filosofia, o jovem professor simples Irmão Estêvão Bettencourt.

Em Três Poços

Enfim, no início do ano letivo de 1939 a Casa de Estudos passou para o Priorado simples de São Bernardo, em Três Poços, distrito de Pinheiral, (hoje município, integrando a Diocese de Barra do Piraí-Volta Redonda) antiga fazenda, onde tinha funcionado um Mosteiro trapista, fundação da Abadia francesa de Sept Fons. Lá ficou até o final do primeiro semestre de 1946. Esteve sob a direção de Dom Lourenço Zeller, Arquibade (que morreu tragicamente em Belém do Pará em 1945).

O Curso de Filosofia desde 1942, com nove alunos, retornou do Alto da Boa Vista para o Mosteiro, funcionando na torre do Olimpo.

No Mosteiro

Em 1947 iniciou a Casa de Estudos uma nova fase, agora novamente no prédio do Mosteiro do Rio (na já mencionada torre do Olimpo as aulas de teologia, na Doriléia as de filosofia. Em 1951 o curso de filosofia tinha três alunos, um dos quais era cisterciense (Ir. Luis Madeira, do Mosteiro de Jequitibá, na Bahia). Vai sofrer interrupções (por falta de alunos?) em 1951 (teologia) e, ao que parece, entre 1956 e 1959. Interessante assinalar que até 1955 se faziam anualmente breves Relatórios da Casa, hoje no Arquivo do Mosteiro, sendo uma fonte de informação valiosa sobre a instituição (muitos assinados por Dom Estevão Bettencourt, secretário, que também era o cronista do Mosteiro).

No ano de 1960 foi início, da atual fase, em que a Casa de Estudos vai se organizando e ampliando o número de alunos, de professores, de disciplinas. Fica sob a direção de Dom Cirilo Folch Gomes, professor de Teologia Dogmática, conceituado teólogo. Ele permanece no cargo até 1973. Além dos professores de outros Mosteiros da Congregação, como até então, começou a receber gradualmente jovens de outros Institutos religiosos e até seminaristas diocesanos e mesmo leigos. Grande parte do corpo docente é constituído de monges do Mosteiro, mas, no decorrer dos anos, vai aumentando sempre mais o número de professores de fora: sacerdotes e religiosos, leigos, inclusive mulheres. Os Cursos são gratuitos, uma contribuição da Abadia “nullius” (portanto equiparada a uma diocese) para a Igreja



Dom Cirilo Folch Gomes

no Brasil. Monges de outros Mosteiros são acolhidos fraternalmente pela comunidade do Rio, como que passando a integrá-la (os cistercienses, inclusive, passam a usar o hábito beneditino, para não diferenciar-se muito dos demais...).

Escola Teológica

Em 1970 os seus Estatutos são reformados pelo Capítulo Geral da Congregação e até muda de nome. Passa a se chamar Escola Teológica da Congregação Beneditina do Brasil. Dom Matias Fonseca de Medeiros, que atualmente é o seu mais antigo aluno monge, informa que as aulas no Olimpo foram até junho de 1971. Eis que o Colégio de São Bento passou para um novo

e mais amplo local, o prédio atual. Assim, após as férias, em agosto, a Escola Teológica foi momentaneamente para o prédio do Preliminar do Colégio (hoje demolido, ali está a Casa de Emaús) e em 1972 para o antigo local do Colégio, no 5º andar do prédio à rua Dom Gerardo, 42 (prédio concluído em 1928), no mesmo andar passando a funcionar também a Administração do Mosteiro, a sala das oblatas e a Livraria Lumen Christi. A Escola terá quatro salas de aula, mais secretaria e biblioteca. Dom Matias conta que a Escola tinha uns 40 alunos, entre seminaristas de Niterói, Petrópolis, Nova Iguaçu, Nova Friburgo e Bonfim (Bahia) e religiosos Franciscanos, Franciscanos Conventuais, Orionitas, Sacramentinos e mesmo alguns leigos (duas senhoras, ao que parece ligadas a Dom Estêvão ou Dom Cirilo). Ele era o único monge (um beneditino húngaro entrou, mas ficou poucos meses). Todos eram alunos da Teologia, não funcionando, então, por falta de alunos, a Filosofia. Se a grande maioria do corpo docente era constituída por monges do Rio de Janeiro, algumas aulas foram dadas por três sacerdotes de fora (um jesuíta, um dominicano e um padre diocesano).

Em 1973 foi abandonado o regime seriado e adotado o sistema de créditos. O Curso de Filosofia dura 2 anos e Teologia 4.

Em 1974 Dom Cirilo deixou a direção (era chamado de Reitor) da Escola e o próprio Dom Abade Inácio Accioly assume sua direção no ano seguinte, ficando Dom Paulo Rocha como secretário, pois o secretário anterior, Dom Emanuel, foi passar um ano no Mosteiro de Serra Clara. É curioso, nas Crônicas do Mosteiro dos anos 70 (feitas por Dom Jerônimo de Lemos), nas notícias da Escola e mesmo nas listas das nomeações dos oficiais, nunca aparece o nome dos dirigentes da Escola Teológica. Por quanto tempo Dom Abade Inácio esteve à frente? Nada se diz... Tudo indica que até sua morte. Na Crônica de julho-agosto de 1980 consta uma informação: em fins de julho D. Cirilo deixou a vice-reitoria da Escola, assumindo o cargo D. Emanuel. Já na Crônica de março-abril de 1981 aparece D. Emanuel como reitor assistente na abertura do ano letivo, título este que se repetirá em outras Crônicas. Em 1990, sempre em notícia da abertura do ano letivo, D. Emanuel é considerado reitor assistente e D. Eduardo é vice-reitor. Ou seja, para as grandes decisões era sempre consultado Dom Abade Inácio, mas o dia a dia da Escola estava com D. Emanuel.

Filiação a Santo Anselmo

Em 1977 ocorre uma importante novidade: o Curso de Teologia foi afiliado ao Pontifício Ateneu de Santo Anselmo, dos beneditinos, em Roma,

por decreto da Congregação para a Educação Católica (Prot. N. 213/77), com direito a conferir o grau de Bacharel em Teologia. A Escola passou a receber periodicamente a visita de professores de Santo Anselmo, dando, inclusive, pequenos cursos aos alunos (em italiano).

Neste ano de 1977, 51 foram os alunos inscritos no 1º semestre no Curso de Filosofia e 40 no 2º semestre; na Teologia estavam inscritos 33 alunos no 1º semestre e 30 no 2º semestre. Em 1979, no início do ano 35 alunos cursavam Teologia e 48 Filosofia. Os alunos eram 83, dos quais 42 religiosos beneditinos (seis), cistercienses (três), orionitas, camilianos, joseleitos, vocacionistas, verbitas, carmelitas, agostinianos recoletos, franciscanos conventuais, Missionários do Sagrado Coração e dos Santos Anjos, da Estrela Missionários e ainda seminaristas, de Nova Friburgo, Niterói, Petrópolis, Itabuna, Caelité, Feira de Santana, Parintins, Patos de Minas, Natal, Palmeira dos Índios Nazaré da Mata, Penedo.

Uma nota pessoal: em 1979 eu e outros três jovens professos temporários iniciamos o Curso de filosofia (mas frequentamos o local já em 1976, como postulantes, participando das aulas de latim). Terminei a teologia em 1984, voltando em 1987, mas aí como professor.

Elogios da Santa Sé

Em 1980 Dom Abade Inácio, como abade “nullius”, apresentou à Santa Sé um relatório sobre o Mosteiro, nele sendo mencionada a Escola Teológica. Em resposta, o prefeito da Congregação para os Bispos, cardeal Sebastião Baggio (antigo Núncio Apostólico no Brasil e amigo do Mosteiro), enviou a Dom Abade uma carta, a 23 de fevereiro de 1981. Num certo trecho diz:

“No prosseguimento da mais pura tradição beneditina, uma das características acentuadas nessa Abadia Nullius é o trabalho educacional. Em



Dom Abade Inácio Accioly

nível de ciência sagrada, a Escola Teológica do Mosteiro abre excepcionais possibilidades para a irradiação de sadia e reta Teologia e generosamente, acolhe mesmo inúmeros seminaristas de várias Dioceses e Congregações, facilitando-lhes ao máximo um estudo sério e, ao mesmo tempo, profundamente fiel à Igreja e ao Magistério. A filiação ao Pontifício Ateneu de Santo Anselmo de Roma, concedida pela Sagrada Congregação para a Educação Católica em 1977, veio corroborar o paciente e abnegado esforço, reconhecendo-lhe os méritos e incentivando o seu prosseguimento”.

Ainda como fruto do mesmo relatório por ocasião da visita “ad limina”, também a Congregação para a Educação Católica enviou carta a Dom Abade, assinada por seu secretário, Mons. Antonio Javierre Ortas, SDB (depois cardeal e prefeito da Congregação do Culto Divino) e o subsecretário Mons. Francesco Marchisano (também foi cardeal e presidente da Comissão Pontifícia do Patrimônio Cultural da Igreja). Diz o documento em certo ponto:

“Seja-nos permitir exprimir... nossa palavra de profundo respeito e estima pela missão apostólica própria dessa Abadia “nullius” no campo litúrgico, teológico e cultural em harmonia com as antigas e sempre atuais finalidades da Ordem Beneditina. O exercício de tais finalidades, que lhe granjeia apreço e prestígio no interior da Igreja e também junto ao governo civil, nos parece particularmente conexo com a Escola Teológica mantida por esse benemérito Mosteiro, que, sem medir sacrifícios, ajuda na formação sacerdotal de numerosos seminaristas e religiosos de diversas Dioceses e Congregações, dispensando-lhes gratuitamente o ensino no quadro do restabelecido ciclo filosófico-teológico de seis anos e no âmbito de uma sadia e renovada tradição. Tais aspectos positivos, que tomaram novo impulso pela afiliação acadêmica ao Pontifício Ateneu de Santo Anselmo, resultam bastante preciosos no contexto brasileiro e constituem um válido exemplo para muitos Institutos teológicos e pastorais de incerta qualidade e fisionomia. Na esperança de que a Escola Teológica dessa Abadia “nullius”, que representa um empenho próprio em benefício dos Formadores do Clero, possa continuar a ser fonte de luz e estrutura válida para uma categoria do Clero e para um ministério – o da formação sacerdotal – tão exigido hoje de vários Seminários Maiores do Brasil, com o coração invocamos, para a missão eleita de Vossa Paternidade e dessa venerada Comunidade Monástica, as bênçãos da SS. Virgem de Monserrate” (“Em Comunhão”, nº 39, pp. 38-43).

Depois da visita “ad limina” de Dom Abade em 1990, ele recebeu novamente cartas do prefeito da Congregação para os Bispos e do pró-prefeito da Congregação para a Educação Católica, mas nelas não é mencionada a Escola Teológica, mas sim o Colégio.

Nos anos 80 e 90

Em 1980 a Escola tinha cerca de 110 alunos e em 1981 matricularam-se 121 na Filosofia e Teologia. Em 1983 concluíram o Curso de Teologia um seminarista de Duque de Caxias, um de Niterói, dois de Nova Friburgo, dois de Patos de Minas, quatro de Petrópolis, um do Rio de Janeiro e uma leiga, oblata do Mosteiro.

Na Crônica do Mosteiro de março-abril de 1982, falando da abertura do ano letivo da Escola, dia 1º de março, menciona-se reforma que ali ocorreu, eis que teve uma ampliação, ganhando algumas salas novas (saiu a sala das oblatas). Em 1988 a Escola tinha cerca de 150 alunos, sendo 11 monges beneditinos e cistercienses. No fim do ano concluíram a Teologia 19 alunos, dos quais seis seminaristas de Petrópolis, quatro de Niterói, três capuchinhos, um cisterciense, um lazarista, duas Irmãs Marcelinas, uma Missionária de Nossa Senhora de Fátima. No ano seguinte ocorreu uma diminuição do número de alunos, pois não vieram mais aqui estudar os seminaristas de Petrópolis. Onze alunos se formaram em Teologia.

Chegamos aos anos 90. Em 1990 a Escola tinha 100 matriculados na Filosofia (58 no 1º ano e 48 no 2º ano) e 56 na Teologia, dos quais 31 religiosos (14 agostinianos), dez seminaristas de quatro dioceses e 15 leigos. Quatro terminaram a Teologia no fim do ano. Em 1991, 173 foram os matriculados na Filosofia e Teologia, chamando a atenção a crescente presença de leigos: no 1º ano de Filosofia eram 58 os alunos, sendo 18 religiosos, 3 seminaristas diocesanos, 37 leigos; no 2º ano da Filosofia dos 43 alunos, 27 eram religiosos, cinco religiosas, 13 seminaristas diocesanos, 22 leigos). A Escola tinha oito professores monges do Rio e 20 eram sacerdotes ou leigos. Quatro concluíram a Teologia no fim do anos, sendo duas religiosas. No ano seguinte, foram 146 os matriculados e onze terminaram a Teologia e dez a Filosofia.

Em novembro de 1992, no início do seu abaciado, Dom José Palmeiro Mendes nomeia finalmente Dom Emanuel como diretor da Escola Teológica (o reitor, fica esclarecido, é o de Santo Anselmo, a Escola só pode ter diretor). Em 1994 Dom Emanuel faz uma longa viagem ao Extremo Oriente e Europa (de janeiro a agosto) e assume interinamente a direção da Escola Dom Bento Silva Santos. Este será nomeado vice-diretor em dezembro daquele ano.

Ainda em 1994 outra mudança importante: a Escola passa a ter um triênio filosófico, continuando a Teologia com quatro anos. No ano seguinte, ela tem 72 alunos matriculados na Filosofia e 88 na Teologia (beneditinos, cistercienses, agostinianos descalços, vocacionistas, franciscanos conventuais, capuchinhos, palotinos, Missionárias de Nossa Senhora de Fátima, mercedárias, beneditinas da Divina Providência. Pias Discípulas, Sagrado Coração de

Maria e do Bom Conselho, além de seminaristas diocesanos de Niterói, Nova Friburgo e Itabira e 21 leigos).

Mudança de local e de nome

Em 1997 a Escola Teológica transferiu-se para novas dependências, mais amplas, no prédio, do início do século XX, da antiga Escola Popular, o qual foi reformado. Vai sempre aumentando o número de alunos leigos, homens e mulheres. Nestes anos a Santa Sé tem, aliás, restrições a leigos em Cursos destinados à formação sacerdotal, havendo carta da Congregação para a Educação Católica chamando a atenção para tal ponto.

Em 1999 o Capítulo Geral da Congregação Beneditina do Brasil decidiu desvincular a Escola da Congregação, ela ficando dependente apenas do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro. Isto de fato, na prática, já estava ocorrendo há muitos anos, bastando assinalar que todas as despesas da Escola eram bancadas apenas pelo Mosteiro do Rio e o Abade Presidente não tinha nenhuma ingerência nela. Na mesma ocasião deixou-se o nome Escola Teológica, adotando-se uma nova denominação: Instituto de Filosofia e Teologia do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro. Neste ano estavam matriculados na Escola 76 alunos na Filosofia e 90 na Teologia, dos quais 43 religiosos: agostinianos, franciscanos conventuais palotinos, vocacionistas, do Instituto Missionário Comunhão e Participação e da Comunidade Mar Adentro; sete religiosas: Beneditinas da Divina Providência, Sagrado Coração de Jesus, Filhas de Ressurreição; nove seminaristas diocesanos: Niterói, Rio de Janeiro, Nova Friburgo, Propriá, Grajaú; 26 leigos, sendo 12 do sexo feminino. A assinalar que entre 1995 e 1999, formaram-se 31 alunos na Teologia, dos quais 20 foram logo ordenados sacerdotes.

No ano 2000, Dom Emanuel Xavier Oliveira de Almeida, tendo sido eleito Prior conventual do Mosteiro de Brasília, deixou a direção do Instituto. Dom José Palmeiro Mendes, repetindo o que tinha feito Dom Inácio, como Abade do Mosteiro, assumiu a direção do Instituto, mas nomeando para o representar no dia a dia da instituição, primeiro Dom Bento Silva Santos (até 2001) e logo a seguir Dom Anselmo Chagas de Paiva, que assumirá a plena direção do Instituto em 2003, já no Governo de Dom Roberto Lopes.



D. Emanuel

Credenciamento pelo MEC e novo nome

Em 2004 novas mudanças significativas. Primeiro, muda novamente de local, retornando à rua Dom Gerardo, 42, só que passando a ocupar o 6º e o 7º andares do prédio. É um local bem mais amplo que o anterior.

Depois começa o processo de credenciamento pelo Ministério da Educação: tem seu credenciamento, bem como aprovação do Estatuto efetivada pela Portaria 2523, de 19 de agosto de 2004, retificada pela Portaria 2589, de 22 de julho de 2005. Recebe autorização de funcionamento do Curso de Teologia (bacharelado, com 120 vagas totais anuais, no turno diurno), pela Portaria 2524, de 19 de agosto de 2004) e do Curso de Filosofia (bacharelado, também com 120 vagas anuais no turno diurno) pela Portaria 2525, de 19 de agosto de 2004. Passa, então, à denominação atual, de Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro.

A partir de 2005 começou a conferir o diploma de Bacharel em Teologia e Bacharel em Filosofia, iniciando também a Licenciatura em Filosofia (Portaria 2523/04, de 22 de junho de 2005).

A Faculdade deixa de ser gratuita, não tendo mais o Mosteiro a possibilidade de subsidiar totalmente a instituição. Com isso naturalmente diminui o número de alunos, embora sejam dadas algumas bolsas de estudo e abatimentos. Observe-se também que, aos poucos, monges de outros Mosteiros deixaram de vir aqui estudar, preferindo fazer filosofia e teologia em cursos mais próximos a eles.

Nova mudança de local e tempo de pandemia

Enfim, no segundo semestre de 2013 mais uma mudança de local, um pouco mais longe do Mosteiro, passando a ocupar dois andares (6º e 12º) do prédio à rua Dom Gerardo, 68, onde ainda hoje se encontra.

A observar que gradualmente a Faculdade tem promovido, ao lado de seus cursos regulares de Filosofia e Teologia, cursos de pós-graduação e de extensão em várias áreas. Os cursos normais são na parte da tarde, de segunda a sexta-feira, os cursos extraordinários são pela manhã e aos sábados.

Situação especial vive desde 2020, com a pandemia do coronavírus. As aulas deixaram de ser presenciais, passando a ser online.

Uma fotografia da situação atual: em 2021 estavam matriculados 134 alunos (54 no bacharelado de Filosofia, 30 na licenciatura de Filosofia e 50 no bacharelado em Teologia). No final do ano concluíram a Faculdade nove alunos da Teologia e 10 da Filosofia (sendo um deles do Curso de Licenciatura).

Dos matriculados, 39 eram religiosos (oito Palotinos, sete Beneditinos, sete de Nossa Senhora de Sion, dois Agostinianos, um Estigmatino, dez do Instituto Preciosa Vida e quatro da Comunidade Católica Sementes do Verbo (sendo dois religiosos e duas religiosas). Os restantes 95 eram leigos.

Como ficará a Faculdade no pós-covid, só Deus sabe. Rezemos para que o Espírito Santo conduza todo este necessário processo de discernimento.

Como citar:

MENDES, Dom José Palmeiro, OSB. 100 anos da Faculdade de São Bento. *Coletânea: Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 39, p. 465-477, jan./jun. 2021. Disponível em: www.revistacoletanea.com.br